

Eu isto ou aquilo

Cecília Meireles



Ilustrações
Thais Linhares



OU ISTO OU AQUILO

CECÍLIA MEIRELES

(Contra Capa) OU ISTO OU AQUILO é um dos mais belos e importantes livros de poesia para criança, nascida da extrema sensibilidade de Cecília Meireles.

Os poemas falam dos sonhos e fantasias que povoam o mundo infantil.

A casa da avó, os jogos e brinquedos, os anjos, animais e flores ganham vida nos poemas suaves e musicais de Cecília Meireles.

Em 1987, a Nova Fronteira lançou uma edição de luxo, com belas ilustrações de Fernando Correia Dias, neta de Cecília.

Agora o livro aparece em uma nova edição destinada ao grande público e não menos bonita, com ilustrações de Beatriz Berman, artista plástica argentina radicada no Brasil e consagrada internacionalmente, tendo recebido, entre outros, o Prêmio de Desenho da Fundação Joan Miró, de Barcelona.

Este livro, publicado pela primeira vez em 1964, vem encantando sucessivas gerações e agrada não só às crianças, mas também aos jovens e adultos.

(Leitura de Orelha) Ao ler este livro, você vai sentir que os poemas falam, com um jeito muito especial, de coisas que você já viu, já pensou, já sentiu, já experimentou, ou principalmente, já imaginou. As palavras de Cecília Meireles parecem mágicas, cheias de música e idéias. O que torna o poeta diferente das outras pessoas é uma sensibilidade muito grande e um talento especial para lidar com as palavras: elas ficam mais emocionantes e

agradáveis de se ouvir. Na verdade, o poeta brinca com as palavras, escolhendo-as como se perguntasse a si mesmo, a todo momento: "Esta ou aquela?" O poeta as escolhe até conseguir escrever um texto diferente, bonito, interessante.

Um bom exemplo do que é a arte da poesia está logo no primeiro poema deste livro, "Colar de Carolina". Além de procurar rimas -- como em menina e Carolina --, repare como Cecília Meireles escolheu palavras que não rimam, mas combinam muito bem. É o caso, por exemplo, de coral e colar que são formadas pelas mesmas letras. Em todo o poema parece que ela faz mágicas, principalmente com as consoantes, C, L, N, R, as mesmas encontradas nas palavras do título, colar e Carolina.

Juntar palavras que as pessoas normalmente não juntam para formar uma idéia -

- como "prece de pelúcia" -- também faz parte da arte da poesia. Mas para o poeta, não basta apenas saber escolher bem as palavras: é preciso usá-las para comunicar alguma coisa, passar uma mensagem. Quando, por exemplo, Beatriz Berman fez os desenhos deste livro, suaves como a poesia de Cecília, ela precisou captar a mensagem de cada poema para poder fazer uma ilustração que também emocionasse.

Bem, você mesmo vai descobrir os encantos deste livro escrito por alguém que gostava de livros, histórias e palavras desde criança.

"Quando eu ainda não sabia ler -- conta Cecília Meireles --, brincava com livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo." Como seus pais morreram muito cedo, Cecília foi criada pela avó, D. Jacinta, e pela Babá, Pedrinha. Eram elas que contavam histórias para a menina: a avó falava de fatos e lendas da terra de seus antepassados -- o arquipélago dos Açores --, e Pedrinha encantava a menina representando personagens, dançando e cantando, enquanto falava do Saci Pererê, de Mula-sem-cabeça e outras figuras do nosso folclore.

O amor de Cecília pela música fez com que ela estudasse conto, violão e violino. E, por gostar tanto de livros, acabou tornando-se uma professora dedicada às crianças, que ela amou muito especialmente.

E tudo o que ela escreveu é tão bom que vem passando de geração para geração, e ficamos na dúvida sobre o que é mais bonito: Será isto ou será aquilo?

Sumário

Introdução -

Colar de Carolina -

Pescaria -

Moda da menina trombuda -

O cavaleiro branco -

Jogo de Bola -

Tanta tinta -

Bolhas -

Leilão de jardim -

Rio na sombra -

Os carneirinhos -

A bailarina -

O mosquito escreve -

A lua é do Raul -

Sonhos da menina -

O menino azul -

As meninas -

Rômulo rema -

As duas velhinhas -

O último andar -

Canção de Dulce -

A língua do nhem -

Cantiga da babá -

A avó do menino -

O vestido de Laura -

Enchente -

Roda na rua -

O eco -

Rola a chuva -

O menino dos FFe RR -

Uma palmada bem dada -

O tempo do temporal -

A flor amarela -

Canção da flor da pimenta -

Na sacada da casa -

O violão e o violão -

Procissão de pelúcia -

Sonhos de Olga -

Os pescadores e suas filhas -

Jardim da igreja -

Uma flor quebrada -

O sonho e a fronha -

A folha na festa -

O chão e o pão -

A égua e a água -

O passarinho no sapé -

A pombinha da mata -

Cantiga para adormecer Lulu -

Lua depois da chuva -

Pregão do vendedor de lima -

Figurinhas I -

Figurinhas II -

A chácara do Chico Bolacha -

Canção -

O lagarto medroso -

Para ir à lua -

O santo no monte -

Ou isto ou aquilo

INTRODUÇÃO

Você que vai ler este livro, não sei que idade terá. Não posso prever. Seja qual for, você terá uma surpresa, porque este é um livro mágico. Gostaria que você imaginasse a menina Cecília, sem pai nem mãe, apenas com sua avó Jacinta Garcia Benevides, debruçada sobre um tapete, descobrindo o mundo. Que tapete seria esse? Certamente parecido com esses que aparecem nas histórias orientais, com pássaros e flores, e muitos caminhos retorcidos onde ela imaginava o labirinto do sonho. As Solidão de menina, e da atenção sobre as coisas que passam, ou pelas quais passamos, se nutriu a poeta Cecília Meireles, que depois foi mãe, avó e mestra. Todas estas experiências estão neste livro, que é como aquele tapete povoado de mistérios. Cecília entendia as crianças. Transitou com leveza entre os netos que foram tão simples e curiosos como vocês. Foi colhendo uma coisa ali, outra acolá, um cachimbo dourado de cabelo, uma birra, até um pensamento triste, e transformou tudo em matéria de vida. Mas esta Cecília tinha um amor muito especial pela palavra. E resolveu brincar, fazer ciranda com os sons, entrelaçar os fatos com rimas ingênuas, musicar o pensamento. Leia em voz alta, sinta que está cantando. Estas coisas que hoje estão na boca de todo mundo, como medida de salvação, você pode encontrar neste livro. A paz, o amor, a solidariedade, até a solidão. Tudo é bom e bonito quando a gente acredita e pensa pra cima. Cecília também foi uma professora, mas sem regras fechadas.

Ensinar como abrir a cortina de um palco, onde a beleza paira na ponta do pé, e tudo tem razão de ser. Vocês não imaginam como era o sorriso de Cecília. Tinha uma doçura e uma tolerância que só a boa mestra pode ter. De tal forma que nem era preciso mostrar-se carrancuda ou severa. Ela sorria e a gente se iluminava, como se houvesse um sino perdido anunciando boas ovas. Então a gente aprendia sem muito esforço, valorizando o silêncio, aprendendo a ver, a jogar com as palavras, a descobrir um sentido novo em cada imagem. É com esta artimanha da inteligência ela ensinou coisas incríveis para crianças, como você que

possivelmente me lê, e para adultos que um dia caíram na malha dourada do seu fascínio. Estou falando de poesia, estudando com aplicação a forma correta de colocar este livro em suas mãos, e de poder ajudar na descoberta de qualquer mínimo detalhe, desses que o respeito e o amor sempre conseguem revelar de forma nova. Tem um poema neste livro que me agrada sobremaneira. Ele se chama "O

Último Andar", e Cecília diz:

"No último andar é mais bonito: do último andar se vê o mar.

É lá que eu quero morar."

Hoje Cecília mora prazerosamente no último andar, e deixou em suas mãos a música perfeita de sua canção.

Walmir Ayalaa Rio de Janeiro, 1990

Colar de Carolina

Com seu colar de coral, Carolina corre por entre as colunas da colina.

O colar de Carolina colore o colo de cal, torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor do colar de Carolina, põe coroas de coral
nas colunas da colina.

Pescaria

Cesto de peixes no chão.

Cheio de peixes, o mar.

Cheiro de peixe pelo ar.

E peixes no chão.

Chora a espuma pela areia, na maré cheia.

As mãos do mar vêm e vão, as mãos do mar pela areia onde os peixes estão.

As mãos do mar vêm e vão, em vão.

Não chegarão aos peixes do chão.

Por isso chora, na areia, a espuma da maré cheia.

Moda da Menina Trombuda

É a moda da menina muda da menina trombuda que muda de modos e dá medo.

(A menina mimada!)

É a moda da menina muda que muda de modos e já não é trombuda.

(A menina amada!)

O Cavalinho Branco

À tarde, o cavalinho branco está muito cansado:
mas há um pedacinho do campo onde é sempre feriado.

O cavalo sacode a crina loura e comprida
e nas verdes ervas atira sua branca vida.

Seu relincho estremece as raízes e ele ensina aos ventos
a alegria de sentir livres seus movimentos.

Trabalhou todo o dia, tanto!
desde a madrugada!

Descansa entre as flores, cavalinho branco, de crina dourada!

Jogo de Bola

A bela bola rola: a bela bola do Raul.

Bola amarela, a da Arabela.

A do Raul, azul.

Rola a amarela e pula a azul.

A bola é mole, é mole e rola.

A bola é bela, é bela e pula.

É bella, rola e pula, é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela, e a de Arabela é de Raul.

Tanta Tinta

Ah! Menina tonta, toda suja de tinta mal o sol desponta!

(Sentou-se na ponte, muito desatenta...

E agora se espanta: Quem é que a ponte pinta Com tanta tinta?...)

A ponte aponta e se desaponta.

A tontinha tenta limpa a tinta, ponto por ponto e pinta por pinta...

Ah! A menina tonta!

Não viu a tinta da ponte!

Bolhas

Olha a bolha d'água no galho!

Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho na rolha!

Olha a bolha!

Olha a bolha na mão Que trabalha!

Olha a bolha de sabão na ponta da palha: brilha, espelha e se espalha.

Olha a bolha!

Olha a bolha que molha a mão do menino:

A bolha da chuva da calha!

Rio na Sombra

Som frio.

Rio sombrio.

O longo som do rio frio.

O frio bom do longo rio.

Tão longe, tão bom, tão frio o claro som do rio sombrio!

Leilão de Jardim!

Quem me compra um jardim com flores?

borboletas de muitas cores,

lavadeiras e passarinhos,

ovos verde e azuis nos ninhos?

Quem me compra este caracol?

Quem compra um raio de sol?

Um lagarto entre o muro e a hera,

Uma estátua da Primavera?

Quem me compra este formigueiro?

E este sapo, que é jardineiro?

E a cigarra e a sua canção?

E o grilinho dentro do chão?

(Este é o meu leilão!)

Os Carneirinhos

Todos querem ser pastores, quando encontram, de manhã, os carneirinhos, enroladinhos como carretéis de lã.

Todos querem ser pastores e ter coroas de flores e um cajadinho na mão e tocar uma flautinha e soprar numa palhinha qualquer canção.

Todos querem ser cantores quando a Estrela da Manhã brilha só, no céu sombrio, e, pela margem do rio, vão descendo os carneirinhos como carretéis de lã...

A bailarina

Esta menina tão pequenina quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si, mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar e não fica tonta bem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu e diz que caiu do céu.

Esta menina tão pequenina quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças, e também quer dormir como as outras crianças.

O Mosquito Escreve

O mosquito pernilongo trança as pernas, faz um M, depois, treme, treme, treme, faz um O bastante oblongo, faz um S.

O mosquito sobe e desce.

Com artes que ninguém vê, faz um Q, faz um U, e faz um I.

Este mosquito esquisito cruza as patas, faz um T.

E aí, se arredonda e faz outro O, mais bonito.

Oh!

Já não é analfabeto, esse inseto, pois sabe escrever seu nome.

Mas depois vai procurar alguém que possa picar, pois escrever cansa, não é, criança?

E ele está com muita fome.

A Lua é do Raul

Raio de lua.

Luar.

Luar do ar azul.

Roda da lua.

Aro da roda na tua rua, Raul!

Roda o luar na rua toda azul.

Roda o aro da lua.

Raul, a lua é tua, a lua de tua rua!

A lua do aro azul!

Sonhos da Menina

A flor com que a menina sonha está no sonho?

ou na fronha?

Sonho risonho:

O vento sozinho no seu carrinho.

De que tamanho seria o rebanho?

A vizinha apanha a sombrinha de teia de aranha ...

Na lua há um ninho de passarinho.

A lua com que a menina sonha é o linho do sonho ou a lua da fronha?

O Menino Azul

O menino quer um burrinho para passear.

Um burrinho manso, que não corra nem pule, mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho que saiba dizer o nome dos rios, das montanhas, das flores, - de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho que saiba inventar histórias bonitas com pessoas e bichos e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo que é como um jardim apenas mais largo e talvez mais comprido e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses, pode escrever para a Ruas das Casas, Número das Portas, ao Menino Azul que não sabe ler.)

As Meninas

Arabela abria a janela.

Carolina erguia a cortina.

E Maria olhava e sorria: "Bom dia!"

Arabela foi sempre a mais bela.

Carolina, a mais sábia menina.

E Maria apenas sorria: "Bom dia!"

Pensaremos em cada menina que vivia naquela janela; uma que se chamava Arabela, outra que se chamou Carolina.

Mas a nossa profunda saudade é Maria, Maria, Maria, que dizia com voz de amizade: "Bom dia!"

Rômulo Remo

Rômulo rema no rio.

A romã dorme no ramo, a romã rubra. (E o céu.)

O remo abre o rio.

O rio murmura.

A romã rubra dorme cheia de rubis. (E o céu.)

Rômulo rema no rio.

Abre-se a romã.

Abre-se a manhã.

Rolam rubis rubros do céu.

No rio, Rômulo rema.

O eco

O menino pergunta ao eco onde é que ele se esconde.

Mas o eco só responde: “Onde? Onde?”

O menino também lhe pede: “Eco, vem passear comigo!”

Mas não sabe se o eco é amigo ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer: “Migo!”

As duas velhinhas

Duas velhinhas muito bonitas, Mariana e Marina, estão sentadas na varanda: Marina e Mariana.

Elas usam batas de fitas, Mariana e Marina, e penteados de tranças: Marina e Mariana.

Tomam chocolate, as velhinhas, Mariana e Marina, em xícaras de porcelana: Marina e Mariana.

Uma diz: “Como a tarde é linda, não é Marina?”

A outra diz: “Como as ondas dançam, não é, Mariana?”

“Ontem, eu era pequenina”, diz Marina.

“Ontem, nós éramos crianças”, diz Mariana.

E levam à boca as xicrinhas, Mariana e Marina, as xicrinhas de porcelana:
Marina e Mariana.

Tomam chocolate, as velhinhas, Mariana e Marina.

E falam de suas lembranças, Marina e Mariana.

O último andar

No último andar é mais bonito: do último andar se vê o mar.

É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe: custa-se muito a chegar.

Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira sobre o último andar.

É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço fica todo o luar.

É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem, para ninguém os maltratar: no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro: tudo parece perto, no ar.

É lá que eu quero morar:

no último andar.

Canção de Dulce

Dulce, doce Dulce, menina do campo, de olhos verdes de água de água e
pirilampo.

Doce Dulce, doce dócil, estendendo pelo sol lençóis entre anil e vento.

Dócil, doce Dulce de face vermelha, doce rosa airosa a fugir da abelha
da abelha, de vespas e besouros tontos pelo arroio de ouro de seixos
redondos...

A língua do nhem

Havia uma velhinha que andava aborrecida pois dava a sua vida para falar com alguém.

E estava sempre em casa a boa da velhinha, resmungando sozinha:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia no canto da cozinha escutando a velhinha, principiou também

a miar nessa língua e se ela resmungava, o gatinho a acompanhava:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro da casa da vizinha, pato, cabra e galinha, de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam a falar noite e dia naquela melodia

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha que muito padecia por não ter companhia nem, falar com ninguém,

ficou toda contente, pois mal a boca abria tudo lhe respondia:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Cantiga da babá

Eu queria pentear o menino como os anjinhos de caracóis.

Mas ele quer cortar o cabelo, porque é pescador e precisa de anzóis.

Eu queria calçar o menino com umas botinhas de cetim.

Mas ele diz que agora é sapinho e mora nas águas do jardim.

Eu queria dar ao menino umas asinhas de arame e algodão.

Mas ele diz que não pode ser anjo, pois todos já sabem que ele é índio e leão.

(Este menino está sempre brincando, dizendo-me coisas assim.

Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido, um anjo que troça de mim.)

A avó do menino

A avó vive só.

Na ca da avó o galo lirá faz “cocorocó!”

A avó bate pão-de-ló e anda um vento-t-o-tó na cortina de filó.

A avó vive só.

Mas se o neto meninó mas se o neto Ricardó mas se o neto travessó vai à casa da avó, os dois jogam dominó.

O vestido de Laura

O vestido de Laura, é de três babados, todos bordados.

O primeiro, todinho, todinho de flores de muitas cores.

No segundo, apenas borboletas voando, num fino bando.

O terceiro, estrelas, estrelas de renda -- talvez de lenda...

O vestido de Laura vamos ver agora, sem mais demora!

Que as estrelas passam, borboletas, flores perdem suas cores.

Se não formos depressa, acabou-se o vestido todo bordado e florido!

Roda na rua

Roda na rua a roda do carro.

Roda na rua a roda das danças.

A roda na rua rodava no barro.

Na roda da rua rodavam crianças.

O carro, na rua.

Enchente

Chama o Alexandre!

Chama!

Olha a chuva que chega!

É a enchente.

Olha o chão que foge com a chuva...

Olha a chuva que encharca a gente.

Põe a chave na fechadura.

Fecha a porta por causa da chuva, olha a rua como se enche!

Enquanto chove, bota a chaleira no fogo: olha a chama! Olha a chispa!

Olha a chuva nos feixes de lenha!

Vamos tomar chá, pois a chuva é tanta que nem de galocha se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre!

Chama!

Rola a chuva

O frio arrepia a moça arredia.

Arre que arrelia!

Na rua rola a roda...

Arreda!

A rola arrulha na torre.

A chuva sussurra.

Rola a chuva rega a terra rega o rio rega a rua.

E na rua a roda rola.

O menino dos FF e RR

O menino dos ff e rr

é o Orfeu Orofilo Ferreira:

Ai com tantos rr, não erres!

Uma palmada bem dada

É a menina manhosa que não gosta da rosa,
que não quer a borboleta porque é amarela e preta,
que não quer maçã nem pêra porque tem gosto de cera,
que não toma leite porque lhe parece azeite,
que mingau não toma porque é mesmo goma,
que não almoça nem janta porque cansa a garganta,
que tem medo do gato e também do rato,
e também do cão e também do ladrão,
que não calça meia porque dentro tem areia,
que não toma banho frio porque sente arrepio,
que não quer banho quente porque calor sente,
que a unha não corta porque sempre fica torta,
que não escova os dentes porque ficam dormentes,
que não quer dormir cedo porque sente imenso medo;

que também tarde não dorme porque sente um medo enorme,
que não quer festa nem beijo, nem doce nem queijo...

Ó menina levada, quer uma palmada?

Uma palmada bem dada para quem não quer nada!

O tempo do temporal

O tempo do temporal.

O tempo ao tempo ao ar e ao pó do temporal.

E o doente ao pé do templo.

E o temporal no poente.

E o pó no doente.

O tempo do doente.

O ar, o pó do poente.

O temporal do tempo.

A flor amarela

Olha a janela da bela Arabela.

Que flor é aquela que Arabela molha?

É uma flor amarela.

Canção da flor da pimenta

A flor da pimenta é uma pequena estrela, fina e branca, a flor da pimenta.

Frutinhas de fogo vêm depois da festa das estrelas.

Frutinhas de fogo.

Uns coraçõezinhos roxas, áureos, rubras, muito ardentes.

Uns coraçõezinhos.

E as pequenas flores tão sem firmamento jazem longe.

As pequenas flores...

Mudaram-se em farpas, sementes de fogo tão pungentes!

Mudaram-se em farpas.

Novas se abrirão, leves, brancas, puras, deste fogo, muitas estrelinhas...

Na sacada da casa

Na sacada a saca da caçada.

Na sacada da casa.

E a casada na calçada.

Quem se casa de casaca?

Na sacada da casa a saca.

Na saca, a asa.

Asa e alça.

A saca da caça.

Quem se alça da sacada para a calçada?

A menina descalça.

A menina calada.

E na calçada da casa, a casada.

O violão e o vilão

Havia a viola da vila.

A viola e o violão.

Do vilão era a viola.

E da Olívia o violão.

O violão da Olívia dava vida à vila, à vila dela.

O violão duvidava da vida, da viola e dela.

Não vive Olívia na vila.

Na vila nem na viola.

O vilão levou-lhe a vida, levando o violão dela.

No vale, a vila de Olívia vela a vida no seu violão vivida e por um vilão levada.

Vida de Olívia -- levada por um vilão violento.

Violeta violada pela viola do vento.

Procissão de pelúcia

Aonde é que vai o praça

que passa de peliça, com pressa, na praça?

Ia pôr uma compressa depressa no rei da Prússia?

Mas o praça não sabe o preço para ir da praça à Prússia.

E não há Prússia nem praça nem peliça nem compressa nem praça nem preço nem pressa...

Há uma procissão que passa que passa na praça

só com preces de pelúcia...

Sonho de Olga

A espuma escreve com letras de alga o sonho de Olga.

Olga é a menina que o céu cavalga em estrela breve.

Olga é a menina que o céu afaga e o seu cavalo em luz se afoga e em céu se apaga.

A espuma espera o sonho de Olga.

A estrela de Olga chama-se Alfa.

Alfa é o cavalo de estrela de Olga.

Quando amanhece, Olga desperta e a espuma espera o sonho de Olga,
a espuma escreve com letras de alga a cavalgada da estrela Alfa.

A espuma escreve com algas na água o sonho de Olga...

Os pescadores e suas filhas

Os pescadores dormiam cansados, ao sol, nos barcos.

As filhinhas dos pescadores brincavam na praça, de mãos dadas.

As filhinhas dos pescadores cantavam cantigas de sol e de água.

Os pescadores sonhavam com seus barcos carregados.

Os pescadores dormiam cansados de seu trabalho.

As filhinhas dos pescadores falavam de beijos e abraços.

Em sonho, os pescadores sorriam.

As meninas cantavam tão alto,

que até no sonho dos pescadores boiavam as suas palavras.

Jardim da igreja

Dalila e Lélia, e Júlia e Eulália cortavam dalias.

Dalila e Lélia, Eulália e Júlia cantavam dúlias.

Dalias e dúlias E harpas eólias...

E a alada lua -- alta camélia?

-- célia magnólia?

Uma flor quebrada

A raiz era escrava, descabelada negrinha que dia e noite ia e vinha e para a flor trabalhava.

E a árvore foi tão bela!

Como um palácio. E o vento pediu um casamento a grande flor amarela.

Mas a festa foi breve, pois era um vento tão forte que em vez de amor trouxe morte à airosa flor tão leve.

E a raiz suspirava com muito sentimento.

Seu trabalho onde estava?

Todo perdido com o vento.

O sonho e a fronha

Sonho risonho na fronha de linho.

Na fronha de linho, a flor sem espinho.

Apanho a lenha para o vizinho.

E encontro o ninho de passarinho.

De que tamanho seria o rebanho?

Não há quem venha pela montanha com a minha sombrinha de teia de aranha?

Sonho o meu sonho.

A flor sem espinho também sonha na fronha.

Na fronha de linho.

A folha na festa

Esta flor não é da floresta.

Esta flor é da festa, esta é a flor da giesta.

É a festa da flor e a flor está na festa.

(E esta folha?

Que folha é esta?)

Esta folha não é da floresta.

Esta folha não é da giesta.

Não é folha da flor.

Mas está na festa.

Na festa da flor na flor da giesta.

O chão e o pão

O chão.

O grão.

O grão no chão.

O pão.

O pão e a mão.

A mão no pão.

O pão na mão.

O pão no chão?

Não.

A égua e a água

A égua olhava a lagoa com vontade de beber água.

A lagoa era tão larga que a égua olhava e passava.

Bastava-lhe uma poça d'água, ah! Mas só daqui a algumas léguas.

E a água a sede agüentava.

A água andava agora às cegas de olhos vagos nas terras vagas, buscando água.

Grande mágoas!

Pois o orvalho é uma gota exígua e as lagoas são muito largas.

O passarinho do sapé

P tem papo o P tem pé.

É o P que pia?

(Piu!)

Quem é?

O P não pia: O P não é.

O P só tem papo e pé.

Será o sapo?

O sapo não é.

(Piu!)

É o passarinho que fez seu ninho no sapé.

Pio com papo.

Pio com pé.

Piu-piu-piu: Passarinho.

Passarinho no sapé.

A Pombinha da Mata

Três meninos na mata ouviram uma pombinha gemer.

"Eu acho que ela está com fome", disse o primeiro, "e não tem nada para comer."

Três meninos na mata ouviram uma pombinha carpir.

"Eu acho que ela ficou presa", disse o segundo, "e não sabe como fugir."

Três meninos na mata ouviram uma pombinha gemer.

"Eu acho que ela está com saudade", disse o terceiro, "e com certeza vai morrer."

Cantiga para adormecer Lulu

Lulu, lulu, lulu, lulu vou fazer uma cantiga para o anjinho de São Paulo que criava uma lombriga.

A lombriga tinha uns olhos de rubim.

Tinha um rabo revirado no fim.

Tinha um focinho bicudo assim.

Tinha uma dentuça muito ruim.

Lulu, lulu, lulu, lulu vou fazer uma cantiga para o anjinho de São Paulo que criava essa lombriga.

A lombriga devorara seu pão a banana, o doce, o queijo, o pião.

A lombriga parecia um leão.

E o anjinho andava triste e chorão.

Lulu, lulu, lulu, lulu Pois eu faço esta cantiga para o anjinho de São Paulo
que alimentava a lombriga.

A lombriga ia fiando maior que o anjinho de São Paulo!

(Que horror!)

Mas um dia chega um caçador!

Firma a sua pontaria, sem rumor.

Lulu, lulu, lulu, lulu paro até minha cantiga sobre o anjinho de São Paulo!

A espingarda faz pum pum!

pim pim!

O anjinho abana as asas assim,

A lombriga salta fora enfim!

(E foi correndo! E tocava bandolim!)

Lua depois da chuva

Olha a chuva: molha a luva.

Cada gota de água Como um bago de uva.

A chuva lava a rua.

A viúva leva o guarda-chuva e a luva.

Olha a chuva: molha a luva e o guarda-chuva da viúva.

Vai a chuva e chega a lua: lua de chuva.

Pregão do vendedor de lima

Lima rima pela rama lima rima pelo aroma.

O rumo é que leva o remo.

O remo é que leva a rima.

O ramo é que leva o aroma porém o aroma é da lima.

É da lima o aroma a aromar?

É da lima-lima lima da limeira do auro da lima o aroma de ouro do ar!

Figurinhas I

No claro jardim a menina chora pela borboleta que se foi embora.

Ora, ora, ora, Não chore tanto!

Nossa Senhora!

A menina chora no claro jardim um choro sem fim.

Nem o céu azul é bonito, agora, pois a borboleta já se foi embora.

Não chore tanto!

Nossa Senhora!

Que choro sem fim a menina chora no claro jardim.

Ora, ora, ora!

Figurinhas II

Onde está meu quintal amarelo e encarnado, com meninos brincando de chicote-queimado, com cigarras nos troncos e formigas no chão, e muitas conchas brancas dentro da minha mão?

E Julia e Maria e Amélia onde estão?

Onde está meu anel e o banquinho quadrado e o sabiá na mangueira e o gato no telhado?

-- a moringa de barro, e o cheiro do alvo pão?

E a tua voz, Pedrina, sobre meu coração?

Em que altos balanços se balançarão?...

A chácara do Chico Bolacha

Na chácara do Chico Bolacha o que se procura nunca se acha!

Quando chove muito, O Chico brinca de barco, porque a chácara vira charco.

Quando não chove nada, Chico trabalha com a enxada e logo se machuca e fica de mão inchada.

Por isso, com Chico Bolacha, o que se procura nunca se acha.

Dizem que a chácara do Chico só tem mesmo chuchu e um cachorrinho coxo que se chama Caxambu.

Outras coisas, ninguém procura, porque não acha.

Coitado do Chico Bolacha!

Canção

De borco no barco.

(De bruços no berço...)

O braço é o barco.

O barco é o berço.

Abarco e abraço o berço e o barco.

Com desembaraço embarco e desembarco.

De borco No berço...

(De bruços no barco...)

O lagarto medroso

O lagarto parece uma folha verde e amarela.

E reside entre as folhas, o tanque e a escada de pedra.

De repente sai da folhagem, depressa, depressa olha o sol, mira as nuvens e corre por cima da pedra.

Bebe o sol, bebe o dia parado, sua forma tão quieta, não se sabe se é bicho, se é folha caída na pedra.

Quando alguém se aproxima,

-- oh! Que sombra é aquela? --

o lagarto logo se esconde entre folhas e pedra.

Mas, no abrigo, levanta a cabeça assustada e esperta: que gigantes são esses que passam pela escada de pedra?

Assim vive, cheio de medo, intimidado e alerta, o lagarto (de que todos gostam) entre as folhas, o tanque e a pedra.

Cuidadoso e curioso, o lagarto observa.

E não vê que os gigantes sorriem para ele, da pedra.

Assim vive, cheio de medo, intimidado e alerta, o lagarto (de que todos gostam) entre as folhas, o tanque e a pedra.

Para ir à Lua

Enquanto não têm foguetes para ir à Lua os meninos deslizam de patinete pelas calçadas da rua.

Vão cegos de velocidade: mesmo que quebrem o nariz, que grande felicidade!

Ser veloz é ser feliz.

Ah! se pudessem ser anjos de longas asas!

Mas são apenas marmanjos.

O santo no monte

No monte, o Santo em seu manto, sorria tanto!

Sorria para uma fonte que havia no alto do monte e também porque defronte se via o sol no horizonte.

No monte o Santo em seu manto chora tanto!

Chora – pois não há mais fonte, e agora há um moro defronte que já não deixa do monte ver o sol nem o horizonte.

No monte o Santo em seu manto chora tanto!

(Duro muro escuro!)

Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel, ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo ...

e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo.